

## A ETNOGRAFIA VIRTUAL NA PESQUISA DE ABORDAGEM DIALÉTICA EM REDES SOCIAIS ON-LINE <sup>1</sup>

Suzana de Souza **Gutierrez** – UFRGS e Colégio Militar de Porto Alegre - ssguti@gmail.com

### 1 Introdução

O ciberespaço, espaço criado pela rede comunicacional formada por meios eletrônico-computacionais da qual a internet é parte, tensiona as noções de espaço, tempo e lugar. Sua geografia não coincide com a das redes comunicacionais que se desenham no território físico, mas nem por isso constitui uma dimensão estanque da realidade. Ao contrário, as redes se interpenetram e dialeticamente se constroem e reconstroem.

Assim, as práticas sociais e culturais produzidas neste não-lugar, a cibercultura, além de criar modos de ser e estar específicos, integra as culturas dos demais espaços e as transforma, sendo por elas, também, transformada. André Lemos (2003, p. 11-12) explica que o termo “cibercultura” é cheio de sentidos e significa a “forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações na década de 70”.

A cibercultura não consiste numa direção ou dominação do contexto sócio-cultural pela tecnologia. Ela se constrói na emergência das ações, reações, sociabilidades, hegemonias, movimentos que derivam das marcas que a tecnologia deixa na sociedade contemporânea.

Investigar este espaço de fluxos, que constitui a sociedade da informação (CASTELLS, 2003), é mergulhar num novo espaço antropológico (LEVY, 1999) que, entretanto, é interpenetrado por outros tantos espaços antropológicos, o que dilui as fronteiras e transforma os limites em contingentes pontos de referência. É tentar mapear o que é inapreensível, mas que se manifesta pelas relações sociais que emergem e dão forma às redes sócio-técnicas. Relações estas que compõem a trama de relações sociais que são determinadas e determinantes do que somos e dos rumos que vamos seguir como humanidade.

---

<sup>1</sup> Este texto traz algumas reflexões desenvolvidas na minha tese doutoral.

É neste contexto de crescente complexidade que a internet, como rede de redes, se constrói no desenvolvimento de muitas redes sociais. Redes formadas por laços de todo o tipo, que se reafirmam no tecido social. Para Wellman *et al.* (1996, p.214 ), “quando as redes de computadores conectam pessoas, assim como máquinas, elas se tornam redes sociais”.

Nestas redes, as conexões são viabilizadas pelas inúmeras formas de presença on-line que cada pessoa usando um computador pode ter e manter. A presença sincrônica por meio da interface de um *chat*<sup>2</sup>, a presença assíncronica construída pela participação numa lista de discussão por correio eletrônico e, também, a presença diacrônica por meio da publicação de uma página na web<sup>3</sup>.

As redes formadas, altamente dinâmicas e complexas, incluem, além das ligações entre documentos, postagens, mensagens, toda uma totalidade de relações sociais. Dentre estas redes sociais, destaco as formadas por professores que, por meio da tecnologia, reforçam e ampliam as redes de relações sociais formadas a partir da escola.

A presença dos professores brasileiros na rede ainda é muito limitada em termos de tempo e de diversidade de interfaces usadas. Isso se deve a toda uma série de motivos exaustivamente discutidos na maioria dos trabalhos acadêmicos sobre o uso das TIC em educação. Motivos estes que vão desde as condições sócio-econômicas dos professores, das escolas e da educação de um modo geral, até questões culturais e do processo de assimilação/apropriação das TIC nas suas diversas formas e propostas. Todavia, a partir de 2003, por diversas razões esta presença cresceu muito.

Estas razões incluem: as transformações que a internet vem passando no sentido de acessibilidade e transformação numa rede cada vez mais social; a diminuição nos custos de aquisição dos computadores; o estímulo proporcionado pelas formações para o uso das TIC realizadas pelos professores; a disseminação de cursos de graduação à distância, realizados majoritariamente com o uso da rede mundial de computadores.

---

<sup>2</sup> *Chat* é o conteúdo da comunicação e o ambiente ou aplicativo que proporciona a comunicação em tempo real entre duas ou mais pessoas, por meio de texto e/ou áudio, combinados ou não com imagens gravadas por câmeras de vídeo.

<sup>3</sup> Web ou WWW – rede mundial de computadores.

Estes professores, a partir de seus contatos na escola e das relações travadas nos cursos e formações on-line, interagem em listas de discussão, em ambientes de aprendizagem e, aos poucos, começam a integrar a rede de forma mais abrangente, com seus sítios e *weblogs*<sup>4</sup> pessoais.

É importante acompanhar este processo de entrada e estabelecimento dos professores brasileiros na rede mundial de computadores, em especial quando ações que visam promover uma apropriação autônoma e criativa da tecnologia são possíveis e necessárias. E, neste sentido, as redes sociais de professoras e professores podem ser caminhos de consolidação de uma autonomia calcada no diálogo e na cooperação.

Neste contexto, se coloca a questão de onde e como pesquisar estas redes sociais, estabelecendo formas de identificar sua configuração, de mapear a teia de relações que se criam e recriam no fluxo de informações e nas interações que movimentam as redes. E, neste processo, é importante pensar técnicas, métodos, teorias de aproximação e apropriação deste objeto de estudo, que possam compreender as contradições que emergem da inserção das TIC na vida e no trabalho de todos.

Os *blogs*, como um dos suportes da presença on-line de professores, tendem a ligar entre si todo um aparato de ferramentas e recursos que o professor ou professora usa para se expressar e interagir na rede. Pela sua característica dialógica e de reciprocidade comunicativa, as redes sociais formadas por meio de *blogs* constituem um *local* privilegiado para a pesquisa.

No caso da pesquisa em culturas tão novas, como as que estão se estabelecendo no ciberespaço, existe a necessidade de se ampliar o alcance das metodologias criadas e desenvolvidas na pesquisa de fenômenos anteriores a existência de uma dimensão cultural on-line. Por consequência, as metodologias podem se hibridizar, acolher métodos e técnicas umas das outras e receber influências de teorias diversas.

---

<sup>4</sup> *Weblog* ou, simplesmente, *blog*, como é popularmente conhecido, é um tipo de publicação on-line. Um *weblog* é construído e colocado na rede por meio de um aplicativo que realiza a codificação da página e sua publicação. Este aplicativo possibilita ao usuário uma interface que permite facilmente editar e publicar hipertextos, inclusive com a adição de imagens, áudio e vídeo. A publicação vai mostrar estes textos em ordem cronológica inversa, dando possibilidade ao leitor de comentar. (GUTIERREZ, 2004)

A etnografia virtual ou netnografia é um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do que vem do campo de pesquisa. Deste modo, parte de uma visão dialética da cultura, na qual esta se movimenta entre as estruturas sociais e as práticas sociais dos sujeitos históricos.

Abordagens etnográficas não são novidade na pesquisa na internet, considerando o ciberespaço como um espaço sócio-cultural. Porém, mesmo a descrição profunda e atenta pode resultar incompleta frente a complexidade crescente.

Aqui, a dialética materialista pode contribuir para que possamos reconhecer as contradições como motores do desenvolvimento do fenômeno pesquisado e como guias do olhar que se debruça sobre a realidade social.

Neste texto, busco trazer alguns aportes teóricos relativos a pesquisa em redes sociais on-line de modo a contribuir com a discussão sobre o tema. A partir da análise de alguns estudos realizados, levantar questões e pensar alternativas que deem suporte a construção de uma abordagem dialética da etnografia virtual ou netnografia e que possam compreender a complexidade dos conceitos e práticas que emergem nos contextos onde o viver em rede on-line é parte do viver.

## **2 Toda pesquisa parte de uma visão de mundo**

A pesquisa na e sobre a rede mundial de computadores é tão recente quanto a própria rede e, por isso, metodologias, métodos, técnicas e instrumentos foram inicialmente adaptados da pesquisa off-line em temas correlatos. No decorrer destes estudos, os pesquisadores foram encontrando diferenças nos processos e no desenvolvimento dos objetos e sujeitos de pesquisa, tendo de rever técnicas, métodos, adaptar\criar instrumentos que considerassem estas diferenças e que pudessem alcançar fenômenos significativamente diversos.

Todavia, seja de que modo for que o pesquisador se aproxime de seu objeto de pesquisa, há sempre uma teoria que lhe guia o olhar. Consciente ou inconscientemente ele faz escolhas e, nestas escolhas, tanto altera a realidade, quanto a esconde ou mostra de uma determinada maneira.

Fazer ciência, em princípio, é fazer escolhas. Escolhas que não são aleatórias e, sim, organicamente ligadas à visão que temos do mundo. Esta visão de mundo, além de direcionar a escolha do objeto de estudo, aponta os caminhos e influencia a construção de teorias.

Por outro lado, a visão de mundo não é fixa, assim como não é fixa a realidade. Ambas são históricas e, portanto, passíveis de transformação. São construídas pela prática social de sujeitos históricos e, assim, sujeitas a serem transformadas por esta prática, num movimento dialético de construção e reconstrução.

Compreender a realidade social, no meu entender, parte de considerar que ela é um processo inacabado, uma totalidade aberta que necessita de um fazer que vá além da descrição, da quantificação e da linearização fragmentada de causas e efeitos.

Segundo Karel Kosík (1976) é possível expressar o que é a realidade por meio da categoria da totalidade e isso é condição para que esta categoria possa ser considerada “princípio epistemológico e exigência metodológica” (p.42), escapando da armadilha de reduzi-la a uma união de partes e relações de um todo fixo e imutável.

Assim, a totalidade não pode ser confundida com totalização ou com o somatório de todas as partes. A totalidade é dinâmica, inacabada, “um todo estruturado, dialético [...] que se transforma em estrutura significativa para cada fato” (KOSÍK, 1976, p.44).

Para Lukács (2003) a categoria da totalidade é a essência do método dialético, na forma como este é desenvolvido por Marx a partir de Hegel. Uma ciência nova que pode revelar aquilo que está além da simples percepção, do empirismo superficial. Uma ciência que se propõe a chegar à essência a partir do fenômeno e, desta, retornar ao fenômeno, desvelando o seu movimento real, as suas tendências, as suas leis e estruturas internas.

[...] em última análise, não há, portanto, uma ciência jurídica, uma economia política e uma história, etc. autônoma, mas somente uma ciência histórico-dialética, única e unitária do desenvolvimento da sociedade como totalidade. (LUKÁCS, 2003, p. 105-107)

Penso que a grande contribuição de Karl Marx, além do legado do mais abrangente estudo sobre o capitalismo, foi ter ido além da análise da economia política sob a égide da economia e da política. A ciência-filosofia alemã lhe deu ferramentas para ir além da aparência e, com a fina lâmina da crítica, poder chegar à essência do fenômeno, desvelando o seu movimento.

Esta possibilidade aberta e crítica, que parte daquilo que é mais simples e que se apresenta à percepção para, num processo crescente, recursivo, chegar ao conhecimento concreto é a que dá suporte ao meu olhar sobre o mundo. É, no meu entender, a forma dinâmica que pode dar conta do movimento das redes, com sua ubiquidade, com seu deslocamento do tempo e do espaço.

### **3 Da etnografia à etnografia virtual ou netnografia**

As soluções metodológicas têm sua autoridade fundamentada, em grande parte, nos precedentes (Hine, 2005) e, por isso, a metodologia da pesquisa aplicada às redes sociais on-line está longe de ter uma tradição que minimize as lacunas e os deslizes na compreensão dos fenômenos estudados.

Há muito para ser trabalhado e construído em termos de metodologia da pesquisa on-line, pois na rede emergem práticas sociais que, ao mesmo tempo em que replicam modos de ser e fazer tradicionais, são o substrato onde germinam novos modos de ser e fazer. A cibercultura não se coloca como um contexto específico e isolado do contexto sócio-cultural humano, ao contrário, a ligação de tudo o que é humano nela se manifesta com toda a sua força.

Tradicionalmente a arqueologia e a antropologia andam juntas quando se trata de investigar uma cultura ou fases de uma cultura. Logo vem à mente a

imagem de escavações que, nos seus diversos níveis, vão mostrando os legados que um determinado grupamento humano foi deixando ao longo do tempo.

O ciberespaço e sua arquitetura de fluxos de informação, em princípio não parece se adequar aos métodos vindos da arqueologia e da antropologia. Porém, do ponto de vista da cultura que emerge da rede, que, embora indissociável da cultura humana em que se insere, tem características bem específicas, é possível pensar numa arqueologia e numa antropologia da rede.

Jones (1997, on-line) fala em uma ciberarqueologia das comunidades virtuais<sup>5</sup> como forma de investigar as comunidades mediadas pelo computador. O autor explica que, da mesma forma como o arqueólogo considera os artefatos de uma cultura, é possível estudar as comunidades virtuais a partir dos artefatos culturais que elas produzem e estabelecer uma pesquisa de longo prazo.

Para Jones (1997, on-line), focar nos artefatos culturais de comunidades virtuais significa manter a atenção em como estes artefatos dão estrutura para a vida da comunidade na rede. Neste processo, é importante distinguir a comunidade do seu assentamento virtual<sup>6</sup>, ou seja, as relações sociais do suporte material.

De certa forma, porém, este assentamento virtual, por meio dos artefatos culturais que o constituem, limita e é limitado pela comunidade que abriga. Uma comunidade apoiada em uma rede de *weblogs*, por exemplo, está sujeita aos limites que o formato *blog* pode impor à rede e ao desenvolvimento da comunidade. Por outro lado, a comunidade também interfere no aparato técnico, transgredindo os limites inicialmente pensados para o seu uso.

Penso que é possível ‘escavar’ os variados níveis que uma rede social formada por blogueiros vai depositando na rede. Seja acompanhando o seu presente, seja investigando o seu passado que fica registrado nos arquivos dos *blogs* e em *sites* específicos que guardam a memória da rede<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> O termo comunidade virtual é controverso. No âmbito deste trabalho, considero as comunidades virtuais como redes sociais construídas no ciberespaço por pessoas em torno de interesses comuns.

<sup>6</sup> *Virtual settlement* (assentamento ou estabelecimento virtual) é o conceito cunhado por Jones para designar o suporte material das comunidades virtuais.

<sup>7</sup> Por exemplo, o *site* Internet Archives (<http://www.archive.org/>) é uma organização não profissional que se encarrega de construir uma biblioteca da internet, com o objetivo de por este acervo à disposição de professores, historiadores e pesquisadores. Fundada em 1996, está

A etnografia, como tipo de pesquisa de abordagem qualitativa, sob a forma de netnografia (BISHOP *et al.*, 1995; KOZINETTS, 1998) ou etnografia virtual (Hine, 2000) tem sido usada para pesquisar redes sociais on-line que interagem em diversos suportes.

Em 1995, Bishop *et al.* (1995, on-line), ao descreverem uma plataforma de testes para o desenvolvimento de uma biblioteca digital, cunharam o termo netnografia ao lidar com os desafios teóricos e metodológicos do projeto. Os pesquisadores da Universidade de Illinois tinham como meta preservar os detalhes provenientes do campo etnográfico, das observações realizadas por meios eletrônicos. A ideia foi seguir os usuários, coletando detalhes sobre o uso em grande escala e dos mais variados pontos de vista.

Outro estudo é o de Kozinets (1998) que, a partir da netnografia, pesquisou o comportamento de consumo de comunidades e culturas da internet. Neste trabalho, o autor propõe que a netnografia pode ter muita utilidade em três tipos de estudos: como metodologia no estudo de comunidades virtuais exclusivamente, como instrumento metodológico em estudos de comunidades virtuais/presenciais, como ferramenta exploratória para estudar tópicos gerais.

No entanto, Kozinets (1998) adverte que é necessário tomar algumas precauções na utilização desta e de outras metodologias para a pesquisa on-line. A acessibilidade da internet, que facilita a entrada do pesquisador no campo pesquisado, pode, por outro lado, proporcionar um campo fértil para pesquisas superficiais e inconsistentes metodologicamente. Além disso, a natureza dos contatos on-line pode por o pesquisador frente a dados inverídicos provenientes de personagens fabricados.

No Brasil, Simone Sá (2002) propõe a netnografia como alternativa metodológica para o estudo de ambientes comunicativos on-line. Um modo de discutir a cibercultura, os conceitos de hipertexto e de comunidades virtuais.

Shah (2005), Máximo (2006), Ward (2006) e Efimova (2005a,b,c), Montardo e Passerino (2006), Amaral (2008) em seus estudos, no todo ou em parte, investigaram redes de *weblogs*, usando a netnografia ou etnografia virtual. Amaral (2008) e Efimova (2005c) propõem que o *blog*, além de artefato cultural a ser

investigado é, também, ferramenta etnográfica, pois pode ser usado, como diário de campo.

Shah (2005), estudando a pornografia na cibercultura, propõe considerar os *blogs* como artefatos culturais além de ferramentas de comunicação, pois eles são reveladores de diversos aspectos da cultura na qual seus autores se inserem. Com o passar do tempo, o conteúdo do *blog* passa a ter menos importância que o ato de escrever e o blogueiro toma consciência do aspecto público do *blog* e, assim, da publicidade de sua *persona* on-line.

Elisa Máximo (2006) analisa as redes de *blogs* como espaços onde acontece uma apresentação do eu, no sentido de compreender de que forma os blogueiros encenam seu cotidiano, como elaboram as suas narrativas pessoais e como estas narrativas compõem o contexto que emerge deste processo. A partir de porções de uma rede de *blogs* escolhidas intencionalmente, delimitou seu campo de pesquisa e estabeleceu o encontro etnográfico, usando o mesmo suporte de seus sujeitos de pesquisa. Seu trabalho mostra como o engajamento do pesquisador no ambiente sócio-cultural on-line pode representar a necessidade de uma inserção ativa em todo um contexto sócio-técnico específico.

Ward (2006), no estudo de uma comunidade de doutorandos, propõe o uso de *blogs* de forma a compartilhar experiências e interagir em torno de seus interesses acadêmicos. A autora explica que, desta forma, os estudantes podem deter o controle dos seus espaços na rede e, além disso, os *blogs* permitem visualizar o doutorado como um processo e não como um projeto. Sua pesquisa tem como objetivo examinar o desenvolvimento deste grupo de estudantes com a finalidade de contribuir para a construção de uma pedagogia das habilidades de pesquisa. Neste processo, a autora questiona quando e em que medida o relato etnográfico se torna ele mesmo sujeito de uma etnografia. E como, nesta perspectiva, a etnografia pode eticamente representar os seus sujeitos de pesquisa.

Lilia Efimova (2005a,b,c), em seu *blog*, reflete sobre a pesquisa que está desenvolvendo. Ela estuda a organização do conhecimento pessoal, fazendo uso dos *blogs* como artefatos que dão visibilidade ao fenômeno investigado. Neste contexto, a autora se vale da etnografia para “estar lá com uma perspectiva crítica” (EFIMOVA, 2005a, on-line)

Seu estudo assume características autoetnográficas, pois Efimova faz parte da comunidade investigada e é reconhecida pelos demais sujeitos de pesquisa. A autora está convencida que a reflexão sobre suas próprias experiências e a interação com os outros blogueiros que fazem parte do mesmo grupo vão auxiliar no estabelecimento de questões de pesquisa, na coleta e na análise de dados. (EFIMOVA, 2005b, on-line)

No Brasil, Montardo e Passerino (2006) realizaram um estudo sobre o uso da netnografia na pesquisa. Neste trabalho, as autoras analisam o uso da netnografia no estudo de *blogs* ou comunidades que utilizam *blogs*. Chamam a atenção para a facilidade da coleta e para a diversidade dos tipos de dados: texto, áudio, vídeo, que podem ser coletados. Todavia alertam para as questões éticas que surgem quando o pesquisador se aproxima da comunidade pesquisada, principalmente em relação ao uso da informação e a identificação dos sujeitos pesquisados.

Tanto Efimova (2005a,b,c, on-line), como Amaral (2008) postulam como essencial dar atenção especial às implicações de ser o pesquisador membro da comunidade estudada. Se, por um lado, facilita a aproximação e o encontro etnográfico, por outro, pode não atender a necessidade de distanciamento. Por exemplo, no caso da pesquisa em redes sociais formadas por *blogs*, a assincronia da maioria das interações e a possibilidade de retorno proporcionada pelos arquivos, tanto os do próprio *blog*, quanto os dos *blogs* dos sujeitos de pesquisa, garante este distanciamento. Este processo remete ao conceito de exotopia (BAKHTIN, 2000), como um excedente de visão, um colocar-se fora do campo de pesquisa que permite ao pesquisador travar um diálogo consigo mesmo e com seus achados de pesquisa.

Para Hine (2000) a etnografia virtual pode ser usada para desenvolver a percepção do sentido da tecnologia e dos espaços sócio-culturais que são por ela estudadas. Por isso, a etnografia virtual tem espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber 'o quê as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia'.

Assim, se a etnografia sempre esteve relacionada com ir a algum lugar, no sentido literal da expressão, para observar e interagir (HINE, 2000), a netnografia ou etnografia virtual modifica a relação espaço temporal e apresenta um contexto que é mediado pelas ferramentas, pelos ambientes, pelas práticas construídas no ciberespaço.

Diferentemente da etnografia tradicional, a netnografia não exige a presença física do pesquisador. Assim, a abordagem inicial, a chegada ao campo de pesquisa, assume um formato diferente. Se não houver interação, o pesquisador poderá passar despercebido, por exemplo. Além disso, nos espaços on-line, a mediação da tecnologia interpõe na interação entre pesquisador e pesquisados filtros relacionados às possibilidades e peculiaridades de cada tecnologia.

A rede conectada se compõe de textos – entendendo textos numa acepção ampla – e, aquilo que não é expressado nesta forma, pode parecer não existir (HINE, 2000). As lacunas entre o que foi expressado e a totalidade da comunicação podem ser preenchidas a partir da experiência do pesquisador em seu engajamento no campo pesquisado.

Na pesquisa on-line, o próprio campo tem consistência e limites constantemente negociados, que só se mostram no fluxo de interações. Por outro lado, a rede on-line não pode ser mapeada separada de suas conexões off-line. A rede é contingente, é um conjunto de relações técnicas e sociais estabelecidas num determinado momento. Assim, o lugar físico e todas as suas relações sociais não ficam fora do campo de estudo, ao contrário, são inseparáveis no contexto geral que conecta todas as relações.

Os estudos de Reda (2007), Wall (2006) e Amaral (2008) apontam para a necessidade de se considerar os aspectos autobiográficos que uma pesquisa possa assumir, o que trará ao estudo um caráter híbrido de autoetnografia. Isso se dá na medida em que o pesquisador vai estudar um grupo do qual ele faz parte, onde dialoga, compartilha experiência, onde conhece e é conhecido.

A autoetnografia, como narrativa reflexiva que revela com densidade a presença do pesquisador no campo de pesquisa, difere da etnografia pela não necessidade do pesquisador de adentrar a cultura estudada e se tornar parte dela, pois ele já é parte desta cultura.

Sarah Wall (2006) considera que a autoetnografia confere a importância necessária à voz do pesquisador no contexto da pesquisa. Para a autora:

O potencial poder da autoetnografia para propor questões ainda não respondidas e incluir as ideias únicas e novas do pesquisador é inspirador para mim que espero achar meu espaço e fazer a minha própria e especial contribuição. (WALL, 2006, p. 4)

A autora explica que a experiência do pesquisador associada às experiências dos sujeitos pesquisados faz com que o estudo tenha uma maior abrangência, pois a omissão da voz do pesquisador reduz a pesquisa à discussão da interpretação de outros. A voz do pesquisador *insider*<sup>8</sup> confere autenticidade e profundidade à pesquisa. Entretanto, a autora alerta para o cuidado em não fazer da auto-reflexão ou da autobiografia o foco do trabalho em detrimento da reflexão sobre o fenômeno pesquisado. Além disso, Wall (2006) indica como possibilidade uma tendência ao narcisismo, ao individualismo e à auto-indulgência que faria a pesquisa recair numa espécie de vácuo social, fora do contexto geral onde se insere o fenômeno.

Reda (2007) problematiza as dificuldades que o pesquisador *insider* enfrenta ao tentar dosar a proximidade e o afastamento necessários no processo de pesquisa. E aponta que o real dilema acontece quando a informação e o coletor de informação se confundem. Reda (2007) aponta como problema a questão dos dados autoetnográficos se limitarem à memória. Porém, se considerarmos diários, *blogs* e outros registros pessoais como artefatos culturais autoetnográficos, esta memória estará de certa forma preservada, mesmo considerando a discussão que se possa fazer entre a memória privada de um diário e a memória pública de um *blog*.

Amaral (2008), em artigo que relata uma pesquisa efetuada numa subcultura da qual ela faz parte, traz o conceito de autonetnografia para caracterizar a sua condição de pesquisadora e, ao mesmo tempo, sujeito de pesquisa no contexto de uma netnografia. A autora aponta questões éticas nas relações entre o pesquisador e os pesquisados, especialmente as geradas pela proximidade de ambos em um trabalho como o descrito e que estas questões necessitam um maior estudo e aprofundamento. Todavia, entende que a autonetnografia, por meio do uso de narrativas subjetivas, é uma possibilidade de metodologia para análise das práticas comunicativas na rede.

Penso que todas as vantagens, desvantagens, desafios e implicações das possibilidades autoetnográficas de uma pesquisa e, mesmo, desta inclusão do pesquisador no campo pesquisado são uma questões que devem ser aprofundadas conforme se dissemine uso da netnografia. Neste sentido, entendo que um cuidado

---

<sup>8</sup> Pesquisador *insider* é aquele que pesquisa o grupo sócio-cultural ao qual pertence.

especial deve ser tomado desde o início, acompanhado por um exercício de reflexão sobre a reflexão que possa auxiliar a manter a consistência teórico-metodológica em todas as fases da pesquisa.

#### **4 Considerações finais**

A tecnologia, pode, por si mesma e de certo modo, ser um agente de mudança e/ou de manutenção, pois seu formato e possibilidades conformam os processos que acontecem com sua mediação. Porém, o uso da tecnologia, a sua compreensão e apropriação são centrais para que possa ser um meio realmente transformador.

As redes sociais on-line de professores são um fenômeno cada vez mais presente, ampliando a dimensão e o alcance das redes sociais de professores formadas a partir da escola. O estudo das relações e das práticas sociais que se produzem nestas redes é importante para a educação na medida em que podem ser agentes de transformação da estrutura e da organização educacional.

A abordagem netnográfica dentro de uma perspectiva dialética é uma forma de estar presente nestas redes sociais com um olhar crítico no movimento que é fundante da própria rede.

Neste processo, de modo a escapar de uma visão dicotômica da realidade, sem cair num romantismo acrítico e nem tender ao determinismo tecnológico, é preciso um certo ceticismo na aproximação etnográfica (HINE, 2000), que relativize a força e a direção da transformação social que as tecnologias podem trazer.

O materialismo histórico-dialético, a partir da netnografia na e da internet, pode ajudar a conhecer um pouco mais sobre as relações sociais mediadas pela tecnologia, bem como, os detalhes desta mediação.

## 5 Referências

AMARAL, Adriana. Autoetnografia e inserção online. O papel do “pesquisador-insider” nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. Trabalho aprovado para o **XVII COMPÓS**. São Paulo: Biblioteca da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008. Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_315.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf)>. Acesso em 19 jan 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BISHOP, A.P., IGNACIO, E., STAR, S.L., NEUMANN, L., SANDUSKY, R.J., & SCHATZ, B. Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies. In **Higher Education and the NII: From vision to reality**. Anais da Conferência de Monterey, Set. 26-29, 1995. Washington, DC: Coalition for Networked Information, 1995. Disponível em <[http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci\\_site/monterey-final.html](http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci_site/monterey-final.html)>. Acesso em 17 jan 2009.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

EFIMOVA, Lilia. Ethnography: being there with critical perspective. In: **Mathemagenic**. Ensched (NL), Mathemagenic, 2005. Disponível em <<http://blog.mathemagenic.com/2005/02/18.html#a1496>>. Acesso em 26 jan 2009. (a)

EFIMOVA, Lilia. Notes on my PhD methodology: introduction. In: **Mathemagenic**. Ensched (NL), Mathemagenic, 2005. Disponível em <<http://blog.mathemagenic.com/2005/04/13.html#a1546>>. Acesso em 26 jan 2009. (b)

EFIMOVA, Lilia. Weblog as a research notebook (1): reading 'Life online' and del.icio.us as bookmarking history. In: **Mathemagenic**. Ensched (NL), Mathemagenic, 2005. Disponível em <<http://blog.mathemagenic.com/2005/04/07.html>>. Acesso em 26 jan 2009. (c)

GUTIERREZ, Suzana. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de professores que cooperam em comunidades de pesquisadores**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London, SAGE Publications, 2000.

\_\_\_\_\_. Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (org) **Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet**, New York: Berg Publishers, 2005.

**INTERNET ARCHIVES**. San Francisco, CA: Internet Archives, 2001-2008. Disponível em <<http://www.archive.org/>>. Acesso em 14 fev 2009.

JONES, Quentin. Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology: A theoretical Outline. **Journal Of Computer Mediated Communication**, v. 3, n. 3, dez 1997. Disponível em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue3/jones.html>>. Acesso em 18 fev 2009.

KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOZINETS, Robert V. On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. In: **Advances in Consumer Research**, New York, Volume 25, p. 366-371, 1998.

LEMONS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: Cunha, Paulo; Lemos, André. (Org) **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. P. 11-23.

LÉVY, Pierre **A Inteligência Coletiva – por uma antropologia do ciberespaço** 2ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu encena, o eu em rede**. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. Florianópolis: UFSC, 2006 Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MONTARDO, Sandra., PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v.4 n.2, CINTED-UFRGS, dez. 2006.

REDA, Mary W. Autoethnography as research methodology? **Academic Exchange Quarterly**, March 22, 2007. Disponível em: <<http://www.thefreelibrary.com/Autoethnography+as+research+methodology%3fa0165912665>>. Acesso em: 10 jan 2009.

SÁ, Simone P. Netnografias em Redes Digitais. In PRADO, J. A. (Org.). **Crítica das Práticas Midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo, Hacker, 2002, p. 147 a 164.

SHAH, Nishant. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. **Cut-up.com Magazine**. Holanda, V.2.5, issue 42, 24 set 2005. Disponível em <<http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>>. Acesso em 17 abr 2008.

Disponível em: <<http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>> Acesso em 05 jan 2009.

WALL, Sarah. An autoethnography on learning about autoethnography.

**International Journal of Qualitative Methods**, 5(2), Article 9. 2006. Disponível em <[http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/pdf/wall.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/wall.pdf)>. Acesso em 20 jan 2009.

WARD, Mary-Helen. **Thoughts on blogging as an ethnographic tool**. In: 23rd annual ascilite conference: Who's learning? Whose technology?, 2006, Sydney, AU. 23rd annual ascilite conference. Universidade de Sidney, 2006, 843-851. Disponível em <[http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf\\_papers/p164.pdf](http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf_papers/p164.pdf)> Acesso em 22 jan 2009.

WELLMAN, B., SALAFF, J., DIMITROVA, D., GARTON, L., GULIA, M., & HAYTHORNTHWAITTE, C. Computer networks as social networks: Collaborative work, telework, and virtual community. **Annual Review of Sociology**. Palo Alto (CA), 22, 213-238.